SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 2

CAPÍTULO 1 - SITUANDO A DIOCESE 4
1.1 Quem somos - nossa história 4
1.2 Onde estamos - nossa realidade
O MUNDO URBANO NA DIOCESE DE FOZ DO IGUAÇU 7
1.2.1 Luzes e sombras na dimensão eclesial e religiosa 8
1.2.2 Dimensão social, cultural e familiar 8
1.2.3 Principais passos dados na execução das principais: Iniciação à Vida Cristã e Missionariedade 10
1.3 Onde estamos - novas interpretações da realidade 11

CAPÍTULO 2 - OBJETIVO GERAL 12
2.1 Evangelizar 12
2.2 No Brasil cada vez mais urbano 13
2.3 Pelo anúncio da palavra 15
2.4 Formando discípulos e discípulas 16
2.5 Em Comunidades eclesiais missionárias 17
2.6 À luz da evangélica opção preferencial pelos pobres 18
2.7 Cuidando da Casa Comum 19
2.8 Testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude 20

CAPÍTULO 3 - NOSSOS SONHOS: PARA ONDE QUEREMOS CAMINHAR 22
3.1 Nosso sonho - ‘‘formar comunidades eclesiais missionárias’’ 22
3.2 Prioridades que ajudarão a realizar o nosso sonho 25
3.3 Ações que concretizarão nosso sonho nos quatro pilares (Palabra, Pão, Caridade e Ação Missionária) 27

CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS 29

LISTA DE ABREVIATURAS

AL	Amoris Laetitia (Francisco)
EN	Evangelii Nuntiandi (Paulo VI)
EG	Evangelii Gaudium (Francisco)
GeE	Gaudete et Exsultate (Francisco)
LF	Lumen Fidei (Francisco)
LG	Lumen Gentium (Vaticano II - Const. Dogmática sobre a Igreja)
LS	Laudato Sí (Fracisco)
PF	Porta Fidei (Bento XVI)
RH	Redemptor Hominis (São João Paulo II)
RM	Redemptoris Missio (São João Paulo II)
SC	Sacrosanctum Concilium (Vaticano II - Const. sobre a Sagrada Liturgia)
SP	Summi Pontificatus (Pio XII)
SS	Spe Salvi (Bento XVI)
TMA	Tertio Millennio Adveniente (São João Paulo II)
VD	Verbum Domini (Bento XVI)

CIgC – Catecismo da Igreja Católica
CNBB. Doc 100. Comunidade de Comunidades
CNBB. Doc. 102. DGAE 2015-2019
CNBB. Doc 107. Iniciação à Vida Cristã
CNBB. Doc. 109. DGAE 2019-2023

DAp	Documento de Aparecida (V Conferencia do Episcopado Latino Americano e do Caribe)

APRESENTAÇÃO

Certa ocasião, o Bom Jesus, após ter curado a muitos, se retirou para um lugar deserto. Porém, logo a multidão o encontrou e queria impedi-Lo de partir. Mas Ele diz com toda a clareza que deve ir às outras cidades anunciar a boa nova do Reino de Deus (cf. Lc 4,38-44). Esta procura recorrente da multidão não distrai o Senhor de recuperar o motivo autêntico de sua atividade.

Ele se retira, se isola por um momento e volta para o centro de sua missão: o anúncio do Reino de Deus! Este retirar-se de Jesus tem uma grande importância para todo discípulo-missionário enviado por Cristo a continuar a Sua obra de evangelizador. Há uma ordem teologal que devemos seguir continuamente, para que o cansaço das obras não nos faça desanimar e o sucesso das realizações não faça perder de vista o horizonte autêntico que dá valor às coisas: o Reino de Deus!

No meio das atividades de nossas Paróquias, Comunidades, Movimentos, Serviços e Organismos, paramos um pouco, preparamos a Assembleia diocesana e a realizamos com todo esforço e atenção para refletir sobre o essencial da missão de nossa Igreja e de cada um de nós: antes de sermos convidados a fazer muitas coisas, somos chamados a ser testemunhas de Jesus Cristo na Cidade.

Assumimos, como Igreja Diocesana, o mesmo Objetivo Geral da Igreja no Brasil, que se concretizará a partir das duas grandes prioridades distribuídas em ações nos quatro pilares da Comunidade eclesial missionária: palavra, pão, caridade e ação missionária.

Nossa Assembleia contou com a assessoria do Pe. Humberto Robson Carvalho, da Arquidiocese de São Paulo, que nos ajudou a assimilar as novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil e, como elas fortalecem as nossas prioridades pastorais: a Iniciação à Vida Cristã e a Missionariedade.

Temos muitos desafios na ação evangelizadora nas cidades mas não podemos cair no abatimento de espírito e no desânimo. O Senhor, diz São João Paulo II, nos dá a força necessária para superar tais tentações; a fé n'Ele é como uma casa construída sobre a rocha: “Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos contra aquela casa; mas ela não ruiu, porque estava fundada sobre a rocha” (Mt 7,25).

Existem muitas possibilidades para a ação evangelizadora na cidade e nós estamos preparados para uma ação evangelizadora eficaz, porque este é o tempo favorável; este é o dia da salvação (cf.

2Cor 6,2). Sabemos que Deus preparou uma cidade, Ele está presente, Ele é o protagonista da missão (cf. Hb 11,16).

O Plano de Pastoral deverá orientar e fundamentar os projetos e programas das Pastorais, Movimentos, Serviços, Organismos e Paróquias fortalecendo uma ação evangelizadora em comunhão afetiva e efetiva. No centro dos projetos devem estar os anseios e apelos das famílias, verdadeiro tesouro da Igreja, e as novas periferias, principalmente as existenciais.

Agradeço, especialmente, à Coordenação Diocesana de Ação Evangelizadora, sob a orientação do Pe. Fabio Welter, pela organização, preparação e condução da Assembleia, e a todos que colaboraram para a elaboração deste Plano de Ação Evangelizadora.

Peçamos a São João Batista, Padroeiro de nossa Diocese, e Nossa Senhora de Guadalupe que renovem em nós a alegria de sermos discípulos-missionários e construtores ousados de Comunidades Eclesiais Missionárias.

Foz do Iguaçu, 16 de dezembro de 2019.

Dom Sergio de Deus Borges
Bispo Diocesano

CAPÍTULO 1 - SITUANDO A DIOCESE

1.1 Quem somos – nossa história

Em 1926 o papa Pio XI erigiu a Prelazia de Foz do Iguaçu, nomeando o Pe. Guilherme Thiletzek para o cargo de primeiro Prelado, com o título de Monsenhor. A prelazia compreendia a região que ia de Guaíra até Campo Mourão, Pitanga e Laranjeiras do Sul. Com seu falecimento em 1937, assumiu a Prelazia Dom Manoel Könner. Em 1958, a Santa Sé tomou a decisão de suprimir a Prelazia de Foz do Iguaçu e criou duas novas dioceses: Toledo e Campo Mourão, as quais foram instaladas em 1960. A partir dessa data, por 18 anos, Foz do Iguaçu passou a fazer parte da diocese de Toledo, cujo primeiro bispo foi D. Armando Cirio.

A Diocese de Foz do Iguaçu foi criada pelo decreto de sua Santidade o Papa São Paulo VI no dia 05 de maio de 1978, com a bula "DE CHRISTIANI POPULI". Sendo instalada a 26 de agosto de 1978, tendo como seu primeiro bispo Dom Olívio Aurélio Fazza, SVD (*in memoriam*). Por todos amado, o nosso querido bispo, conduziu este rebanho, que o Senhor lhe havia confiado até março de 2002, entregando o pastoreio para Dom Laurindo Guizzardi, CS, que soube tão bem estar à frente deste povo de Deus. Em 2010, recebemos Dom Dirceu Vegini (*in memoriam*), que fez um grande processo de renovação litúrgica de nossa Diocese, mas precocemente nos deixou, dando toda a sua vida pela Igreja. Nossa Diocese ficou vacante por quase um ano, sob a administração apostólica do Pe. Dionísio Hülse, e no dia 17 de julho recebeu com alegria a nomeação de Dom Sergio de Deus Borges que tomou posse no dia 07 de setembro de 2019.

Esta Igreja Particular, desde o seu início, tem se comprometido em fazer acontecer aqui e agora, o Reino de Deus, completando 41 anos de caminhada evangelizadora. Muitas sementes foram plantadas e muitos frutos colhidos. Como Igreja de Jesus Cristo, se fez presente no mundo e, como seu padroeiro, São João Batista, soube anunciar, denunciar e realizar o Reino, sonhado por Deus.

Somos 14 municípios com uma população estimada em 460 mil habitantes, dos quais 258 mil na cidade de Foz do Iguaçu. Somos 27 paróquias organizadas em 3 áreas pastorais. Estão em atuação em nossa realidade eclesial: 23 pastorais, 11 movimentos, 10 organismos e serviços. Estamos localizados no extremo oeste paranaense, compondo uma realidade de fronteira – tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, com as facilidades de acesso e inter-relacionamento, mas também com as consequências dessa proximidade, marcada por problemas sociais graves: contrabando, tráfico, migrações.

Hoje nossa Diocese é assim constituída:

Municípios	14
Paróquias	27
Comunidades	387
Setores	273
Grupos de Família	1842
Catequistas	2372
Catequizandos	15826
MESC	1929

Como é natural num universo de cerca de 400 comunidades, de cidade grande (Foz do Iguaçu) e de cidades menores e muito pequenas, temos comunidades e paróquias com lideranças bem formadas e atuantes e, em outros lugares nem tanto, temos paróquias e comunidades com condições financeiras estáveis e outras que se mantêm em meio a grandes sacrifícios.

Algumas características de nossa Diocese são importantes serem destacadas:

- Igreja que foi se formando acolhendo as diversas raças, etnias e povos que vinham para esta região e que são uma grande característica de nossa Igreja: mobilidade humana e diálogo ecumênico e Inter-religioso, cada vez mais urbana e com novos desafios;
- Grupos de Família sempre foram a base do *projeto de igreja, como grande objetivo pastoral de nossos* Planos de Pastoral – hoje somos cerca de 1842 Grupos;
- Setorização *para uma ação evangelizadora mais eficaz* e organização de comunidades sempre foi elemento marcante, mas nos últimos anos tem se intensificado;
- *Igreja Profética: o* Aspecto social sempre esteve bem presente na missão da Igreja – atuação social da Igreja, na defesa dos agricultores que foram desapropriados para a construção da Hidroelétrica de Itaipu; prioridade com os grupos de família (CEBs), as pequenas Comunidades de fé e vida, os movimentos sociais, problemas da terra, Pastoral da Criança, e mais ultimamente, a Cáritas sendo protagonista no enfrentamento ao Tráfico Humano;
- Igreja que vai aprendendo a fazer a passagem de uma mentalidade rural para a urbana, mesmo mantendo uma clara distinção entre a grande cidade de Foz e as demais cidades, marcadas pela relação com o meio rural, mas já com acentuada urbanização física e de mentalidade, ou seja, a cultura urbana;
- Nos últimos anos um tempo de crise, esfriamento e distanciamento dos compromissos e das responsabilidades diocesanas, consequência de nossa realidade local, mas também, de uma diminuição do compromisso comunitário.

Fatos Marcantes nos 41 anos:

- Movimentos sociais tais como, a luta pelos atingidos pela barragem de Itaipu e a Romaria da Terra que aconteceu em Medianeira;
- Surgimento de várias Paróquias – em 1978 éramos apenas 13 paróquias (São João Batista, São Paulo Apóstolo, São José Operário – Vila Portes, Santa Teresinha do Menino Jesus, São Miguel, N. Sra. da Conceição – Itacorá, Santo Antônio, N. Sra. Medianeira, N. Sra. do Caravaggio, N. Sra. da Conceição – Missal, Sagrada Família de Nazaré, São José Operário – Céu Azul, Santa Catarina de Alexandria);
- Criação do Seminário Diocesano em 1983, formando 18 padres Diocesanos;

- Formação de Diáconos permanentes, são 5 formados, vários na escola fazendo o curso preparatório e na pré-escola, num processo de acompanhamento e discernimento;
- Comunidades Terapêuticas (Medianeira e Foz do Iguaçu);
- Apoio das Congregações Religiosas, masculinas e femininas;
- Início das obras da nova Catedral;
- Encontros Diocesanos e regionais: DNJ, Catequistas 3 fronteiras, CEBS 3 fronteiras, Romarias Vocacionais, Jubileu do ano 2000;
- Contribuições de cada um dos 3 bispos que exerceram seu ministério em nossa diocese com carismas e dons particulares na organização e condução da Igreja;
- Na dimensão formativa: subsídio próprio para os Grupos de Família (novenas, encontros, via-sacra), Teologia para Leigos, Escolas Diocesanas;
- Setorização Paroquial, em vista da organização das atividades pastorais, celebrações, organização das comunidades, dízimo;
- Laicato atuante por meio de suas diversas formas de organização (CNLB, pastorais e movimentos);
- Dinamização de muitas pastorais atendendo às necessidades que foram surgindo em cada momento.

Existem situações que nos desafiam como organização diocesana:

- Clero muito diversificado, com diferentes visões formativas e de exercício do ministério, e alguns fechados nas próprias ideias e modelos, o que impede uma unidade pastoral mais profunda e compromisso com o Plano Diocesano;
- Escassez vocacional e por isso, também a falta de sacerdotes;
- Ordens Religiosas por vezes fechadas nas próprias preocupações e atuação restrita ao carisma;
- Acento demasiado nas atividades paroquiais em detrimento dos compromissos e participação diocesana;
- Heterogeneidade na liturgia, formalismo cultural na vida sacramental;
- Os Movimentos e o difícil processo de integração ao projeto diocesano de evangelização;
- Início tardio do Diaconato Permanente.

1.2 Onde estamos – nossa realidade
O MUNDO URBANO NA DIOCESE DE FOZ DO IGUAÇU

Nossa Diocese fez uma bela caminhada pastoral nestes 41 anos de sua fundação: bispos, padres e diáconos, consagrados e consagradas, leigos e leigas, edificaram sobre um bom fundamento; anunciaram com alegria e entusiasmo a Palavra de Deus; testemunharam como o Espírito Santo alimentou a fé, despertou a esperança e fez frutificar a caridade.

Agora temos diante dos olhos um mundo urbano marcado pelo individualismo, onde a violência continua ferindo a dignidade humana, mas também é um espaço de liberdade e de oportunidades nas várias dimensões da vida.

Atualmente nossa Diocese é formada por 14 municípios com uma população urbana de 385.519 habitantes e população rural de 55.449 habitantes. Somos uma Diocese eminentemente urbana e, mesmo nas regiões rurais, a "cultura urbana" se faz presente. O gráfico, abaixo, ilustra a realidade populacional de cada um dos municípios que compõem nossa Igreja Particular de Foz do Iguaçu.

DIOCESE	TOTAL DE MUNICÍPIOS	EXTENSÃO TERRITORIAL	TOTAL DE HABITANTES (2010)	POPULAÇÃO URBANA (2010) (%)	POPULAÇÃO RURAL (2010) (%)	ESTIMATIVA TOTAL DE HABITANTES (2019)
Foz do Iguaçu	14	6.822 km²	440.968 (100%)	385.519 (87,42%)	55.449 (12,57%)	460.097

	Urbana 2010	Rural 2010	Senso 2010	Estimativa 2019
1. Céu Azul	8.387 (76%)	2.645 (24%)	11.032	11.765
2. Diamante D'Oeste	2.561 (51%)	2.466 (49%)	5.027	5.253
3. Foz do Iguaçu	253.950 (99%)	2.131 (1%)	256.081	258.532
4. Itaipulandia	4.742 (53%)	4.285 (47%)	9.027	11.176
5. Matelandia	11.612(72%)	4.465 (28%)	16.077	17.943
6. Medianeira	37.403 (89%)	4.427 (11%)	41.830	46.198
7. Missal	5.420 (52%)	5.054 (48%)	10.474	10.702
8. Ramilandia	2.043 (49%)	2.091 (51%)	4.134	4.451
9. Santa Helena	12.596 (54%)	10.829 (46%)	23.425	26.490
10. Santa Terezinha de Itaipu	18.832 (90%)	2.002 (10%)	20.834	23.465
11. São José das Palmeiras	2.412 (63%)	1.419 (37%)	3.831	3.654
12. São Miguel do Iguaçu	16.476 (64%)	9.279 (36%)	25.755	27.452
13. Serranópolis do Iguaçu	2.322 (51%)	2.246 (49%)	4.568	4.495
14. Vera Cruz do Oeste	6.863 (76%)	2.110 (24%)	8.973	8.521
TOTAL	385.519	55.449	441.068	460.097

Anunciamos Jesus Cristo, testemunhamos seu amor e proclamamos sua vitória sobre a morte e o pecado. Esta missão é marcada por luzes e sombras, sinal de uma Igreja que caminha rumo à meta e no processo de conversão pessoal e comunitário que somos sempre chamados a realizar. Para uma profícua ação evangelizadora é importante destacar as principais luzes e sombras nas dimensões eclesial e religiosa, social, cultural e familiar. Também apresentamos os principais passos dados no processo de implantação das prioridades pastorais: Iniciação à Vida Cristã na perspectiva catecumenal e animação missionária de toda a ação evangelizadora.

1.2.1 Luzes e sombras na dimensão eclesial e religiosa

No quadriênio(2015-2019) houve avanços nas dimensões eclesial e religiosa. **Luzes** que nos animam:

a) Fortalecimento das comunidades através do investimento em ações missionárias, visitação e acolhimento dos afastados;
b) Acolhida efetiva do processo de Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal pelas Paróquias, através da organização da Comissão Paroquial de Iniciação à Vida Cristã;
c) Crescimento do número de ações caritativas de serviço à vida, e em alguns lugares também do número de agentes nas pastorais sociais;
d) Testemunho dos cristãos leigos e leigas nos conselhos de direito e em ações humanitárias;
e) Organização das comunidades a partir dos Conselhos Pastorais e da setorização;
f) Iniciativas para continuidade da participação dos adolescentes no pós-crisma;
g) Pluralidade cultural e religiosa que gera interatividade e respeito à diversidade no modo de vida das pessoas.

Destacamos também as **sombras** e os **desafios** para a evangelização, que pedem resposta corajosa dos evangelizadores:

a) O crescimento de novas comunidades, que não assumem a realidade da Igreja local, pois vêm com uma organização e carisma já prontos;
b) Dificuldade de formação de lideranças – há pessoas que não querem sair de casa, de uma cômoda e medíocre vivência da fé;
c) Nas cidades maiores já enfrentamos a dificuldade de acesso aos condomínios, prédios e regiões periféricas;
d) Enfraquecimento das pastorais e crescimento dos movimentos e eventos de massa, muitas vezes sensacionalistas e sectários;
e) Muitos projetos e prioridades pastorais não saem do papel, por falta de objetividade, de encaminhamentos práticos ou de pessoas que os assumam;
f) Presença de outras religiões e crenças, com forte proselitismo, que dissemina confusão e dispersão entre os fiéis que integram as comunidades.

1.2.2 Dimensão social, cultural e familiar

Há na cultura urbana maior valorização dos direitos individuais possibilitando o desenvolvimento social e o crescimento pessoal. Esta nova realidade tem trazido luzes e sombras. São **luzes (oportunidades)** para nossa ação evangelizadora, sinais de vitória sobre a morte e do amor sobre o ódio:

a) Maior valorização do indivíduo e exercício dos direitos humanos, com respeito aos direitos dos grupos mais vulneráveis;
b) A solidariedade em ações das entidades e pastorais da Igreja, de organizações não governamentais e do poder público, demonstrando o cuidado para com os que mais sofrem e estão marginalizados;

c) O acesso democrático às novas tecnologias de comunicação tem gerado novas possibilidades para comunicação e interação entre as pessoas, pastorais, comunidades e grupos;
d) Melhorias no reconhecimento dos direitos da mulher e sua participação no espaço público e na Comunidade eclesial missionária;
e) O cuidado com o meio ambiente, através da conscientização de que a Casa Comum é um patrimônio a ser protegido por todos;
f) Maior acesso a informações, vida social, universidades e outros centros educacionais, oportunizando educação, cultura, progresso pessoal, possibilidade de interagir e conviver melhor, estabelecendo vínculos de fraternidade e solidariedade.

Vivemos também, no contexto da cultura urbana, com o enfraquecimento dos vínculos comunitários e familiares, as atitudes de polarização e intolerância que geram inúmeras situações de violência, de **sombras**, que têm impacto na vida pastoral e são desafios para formar comunidades eclesiais missionárias:

a) Cresce o número de situações de fragilidade humana, perda do sentido da vida, com muitas situações de relacionamentos frustrados, desejos não satisfeitos na convivência, falta de perspectiva de um trabalho digno e suficiente para a manutenção de uma família;
b) Crise familiar e famílias imersas nalguma tribulação, com falta de atenção e até abandono de crianças, adolescentes e idosos; há também a grave situação de membros da família em situação de drogadição;
c) Muitos jovens vivem longe da família, de suas raízes, ao migrarem para os grandes centros, permanecendo nas cidades pequenas principalmente idosos e aposentados;
d) Existe desigualdade cultural: nem todos encontram acesso ao estudo qualificado e precisam estudar e trabalhar fora do país, e há muitos estrangeiros com dificuldades de adaptação em nosso contexto;
e) Permanece a desigualdade social: crescimento no número de pobres e das periferias existenciais; continua o êxodo rural e o processo de concentração das propriedades rurais; permanece a questão indígena que gera conflito de interesses e polarização das opiniões; há insegurança nas áreas de fronteira;
f) Nossas entidades não conseguem atender toda a complexa realidade da nova migração; falta ação mais sistemática com os trabalhadores que fazem grandes deslocamentos para encontrarem trabalho, com jornadas geralmente muito extensas;
g) Nos 13 municípios do "interior" há um forte acento na agropecuária de integração – suínos e aves – que trouxe oportunidade de novas fontes de renda aos pequenos proprietários, mas em contrapartida impõe restrições de horários para participação nas atividades comunitárias

1.2.3 Principais passos dados na execução das prioridades: <u>Iniciação à Vida Cristã e Missionariedade</u>

Assumimos na Assembleia de 2015 dar continuidade ao processo de Iniciação à Vida Cristã em perspectiva catecumenal. Neste período contemplamos:

- Criação da Pastoral Familiar em algumas paróquias e reanimação em outras, aprofundando os processos de acompanhamento personalizado;
- Encontros formativos com os pais dos catequizandos;
- Retiros para os pais dos catequizandos; celebrações dos ritos de passagem (RICA);
- Fortalecimento dos grupos de família;
- Formação da Equipe Pedagógica; formação para catequistas, catequese de adultos;
- Adaptação dos espaços físicos para a catequese, numa perspectiva catecumenal;
- Cursos bíblicos; estudo dos documentos da Igreja;
- Conselhos comunitários – estudo e discussão do tema da IVC nas reuniões;
- Organização do início da catequese em consonância com o ano litúrgico, contribuindo com a experiência da IVC;
- Aproveitamento do roteiro dos grupos de família para um encontro que esclarece a IVC;
- Mobilização, organização e motivação da Pastoral do Adolescente;
- Crescimento da catequese com adultos;
- Várias iniciativas de cultivo da espiritualidade em geral: a) Retiros Paroquiais e dos movimentos buscando uma espiritualidade querigmática e mistagógica **para todas as lideranças**, criando um verdadeiro processo de Iniciação à vida cristã; b) ABSCAMPING (acampamento para adolescentes), GAUDIUM (espécie de gincana com os catequizandos, formando uma cultura vocacional e de unidade entre as pastorais), COLORINDO, (dia das crianças onde toda a comunidade está envolvida formando uma consciência de pastoral de conjunto e um olhar para com as crianças carentes da comunidade)

Na Assembleia de 2015 nos comprometemos a empenhar todas as forças vivas na missionariedade: atentos à mobilidade humana e à setorização. Vemos com alegria que avançamos em várias áreas para tornar efetiva a dimensão missionária de nossas atividades, tais como:

- Visita aos doentes realizada pelos MESCs e às famílias com enfermos e idosos pela pastoral do idoso;
- Visitas às famílias, criação da pastoral da visitação e da acolhida;
- Setorização nas paróquias e, a partir disso, missão popular;
- Paróquias têm fomentado um espírito acolhedor, missionário e evangelizador;
- Fomento de novas vocações, principalmente diáconos ou candidatos ao diaconato permanente;

- Uma maior participação no COMIDI criando em algumas paróquias o COMIPA;
- Incentivo e expansão da IAM;
- Estímulo à formação referente à Doutrina Social da Igreja para os leigos;
- Pastoral Universitária junto aos estudantes da UNILA e também com os estudantes de medicina no Paraguai;
- Encorajamento e compromisso para a criação dos núcleos paroquiais da Cáritas;
- Cresce em várias paróquias o compromisso e envolvimento com o Conselho de Leigos e revigoramento da Pastoral do Dízimo;
- Fortalecimento da Pastoral Social e encontros regulares para as famílias atendidas pela Pastoral Social com temas específicos;
- Semana da Família como espaço de ações em favor da família em âmbito eclesial, mas também como relacionamento ecumênico e com o poder público (lei municipal que institui a Semana da Família).

1.3 Onde estamos – novas interpelações da realidade

Somos muitos – discípulos-missionários – que assumimos com audácia as prioridades do Plano de Pastoral, dedicamos nossa vida à missão e à proteção dos mais vulneráveis, seguindo os passos de Jesus. Muito foi realizado e há muito a se fazer.

Onde estamos? Na crise civilizatória em que estamos é fundamental nos deixarmos inquietar com a pergunta que Deus faz ao homem no paraíso: "Onde estás?" (Gn 3,9). Esta pergunta constitui-se assim num pressuposto para a pastoral, é a pergunta que Deus nos faz hoje: Onde estão os discípulos-missionários de Foz do Iguaçu? Se perderam no paraíso? Assim, Ele nos convida a uma mudança de ótica.

"O que é feito em nossos dias, daquela energia escondida da Boa-Nova, suscetível de impressionar profundamente a consciência dos homens?" (EN, n. 4). Onde estão nossas crianças, nossos jovens, nossos idosos, nossos pobres? Quem são os nossos interlocutores? Quem são as pessoas com quem trabalhamos? Quanta gente nova entra na nossa comunidade? Para onde queremos ir? Para onde Deus nos convida a caminhar? Que Igreja queremos ser na Diocese de Foz do Iguaçu? Que rosto de Igreja Deus está nos convidando a ser em Foz do Iguaçu?

Certamente, a provocação de São Paulo VI continua a nos convidar a repensar nossa ação evangelizadora na Diocese de Foz do Iguaçu. Somos conclamados a conversão pastoral e missionária para que o Evangelho de Cristo seja anunciado com alegria, acolhido com entusiasmo e vivido com magnanimidade.

Sejamos profetas, e neste novo tempo, "a profecia não se dá apenas pela denúncia, embora seja fundamental hoje mais do que nunca, mas também pelo anúncio de um jeito novo de ser e de viver. Os rumos são os mais bonitos, basta a gente entrar nesta história e caminho" (Pe. Manoel de Oliveira Filho, membro da comissão de redação).

Por fim, é imprescindível colocar algumas perguntas que irão ajudar a refletir sobre as possibilidades que o Senhor nos apresenta em pleno século XXI: Para onde queremos ir? Para onde Deus nos convida a caminhar? Que rosto de Igreja o Senhor Jesus está nos convidando a ser em Foz do Iguaçu?

CAPÍTULO 2 – OBJETIVO GERAL

O Senhor Jesus nos convida a ser uma Igreja em saída, recuperando a dimensão de caminho que é próprio dos discípulos-missionários, que vão ao encontro do outro e sabem que têm uma Palavra a dizer porque reconhecem a alta dignidade que o próprio Senhor lhes deu quando disse aos seus discípulos: "vós sois a luz do mundo... brilhe vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus" (Mt 5,14-16).

O Papa Francisco destaca que sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido (cf. EG, n. 46). A fé, que recebemos de Deus como dom sobrenatural, aparece-nos como luz para a estrada orientando os nossos passos no tempo. Pela fé nos comprometemos com a mesma missão de Jesus e o fazemos sob a orientação da grande Comunidade eclesial missionária, a Diocese de Foz do Iguaçu, que nos convida a uma grande meta, em comunhão com a Igreja no Brasil:

Evangelizar no Brasil cada vez mais urbano, pelo anúncio da Palavra de Deus, formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo, em comunidades eclesiais missionárias, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, cuidando da Casa Comum e testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude.

Assumimos para os próximos quatro anos este objetivo Geral, esta direção, com o desafio das duas prioridades que já fazem parte de nossa caminhada evangelizadora: A Iniciação à Vida Cristã na perspectiva catecumenal e a Missionariedade.

Para bem compreender o caminho que vamos empreender é necessário aprofundar alguns elementos da grande meta que nos ajudarão a dar a direção objetiva no exercício do discipulado-missionário na Diocese, na aplicação e vivência do Plano de Pastoral.

2.1 Evangelizar

"O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para que dê a boa notícia aos pobres; enviou-me a anunciar a liberdade..." (Lc 4,18). Com esta proclamação o Senhor Jesus ensina que a missão evangelizadora é uma missão para a libertação e convida os discípulos missionários a ver, com olhar de fé no Seu rosto – maltratado por nossos pecados, morto e ressuscitado, glorificado pelo Pai, nesse rosto doente e glorioso, – o rosto humilhado de tantos homens e mulheres de nossos povos e, ao mesmo tempo, sua vocação à liberdade dos filhos de Deus, à plena realização de sua dignidade pessoal e à fraternidade entre todos (cf. DAp, n. 32).

"Jesus Cristo é princípio estável e centro permanente da missão que o próprio Deus confiou ao homem. E nesta missão devemos participar todos, nela devemos concentrar todas as nossas forças, uma vez que ela é, mais do

que nunca, necessária para a humanidade do nosso tempo. E se uma tal missão parece encontrar na nossa época oposições maiores do que em qualquer outro tempo, então esta circunstância está a demonstrar também que ela, na nossa época, é ainda mais necessária e – não obstante as oposições – mais esperada do que nunca" (RH, n. 11).

O Senhor Jesus confiou a seus discípulos a missão, quando após a sua gloriosa ressurreição e antes da ascensão, disse-lhes: "Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei" (Mt 28,19-20a).

Os discípulos de ontem e os discípulos de hoje dedicaram-se com ardor e fé na grande missão, mas a Missão de Cristo Redentor, como bem salientou São João Paulo II, confiada à Igreja, está ainda bem longe do seu pleno cumprimento (RM, n. 1).

Por isso, em pleno século XXI, somos chamados a ser discípulos missionários, evangelizados e a evangelizar através da promoção de todos os batizados para que assumam as suas tarefas como sal da terra e luz do mundo, onde quer que se encontrem.

Seguindo as orientações pastorais apresentadas por São João Paulo II, promovidas pelo Papa Bento XVI e reafirmadas com o Papa Francisco, poderemos distinguir três âmbitos da missão que hoje é confiada aos novos discípulos (RM, n. 33-34; EG, n. 14):

a) A Pastoral ordinária, ou seja, os fiéis, discípulos missionários que vivem a alegria de pertencer à Casa, à Comunidade eclesial;
b) A nova evangelização, ou seja, os fiéis que foram inseridos em Cristo através do Batismo, mas atualmente não vivem a alegria da fé, da pertença à Casa, à Comunidade eclesial;
c) A missão *ad gentes*, destinada àqueles que desconhecem Jesus Cristo e tem o direito de receber o anúncio do Evangelho.

Estas três dimensões da missão nos levam à consciência de que a dimensão missionária – evangelizar – não é mais uma realidade a ser trabalhada, mas **é a exigência que deve estar presente em tudo o que se faz.** As iniciativas, preocupações e programas pastorais devem estar impregnados pelo anseio e o compromisso de anunciar Jesus Cristo, constituindo Comunidades eclesiais missionárias.

2.2 No Brasil cada vez mais urbano e.....

"Um dos grandes desafios para a missão é, sem dúvida, a cultura urbana, pois nosso mundo vai se tornando cada vez mais urbano, onde se destacam as cidades e as megacidades. Não se nega a perspectiva geográfica ou espacial, através da qual se costuma dividir a realidade em urbana e rural. O fato é que estamos todos dentro do mundo urbano do século XXI, ainda que atingidos em diferentes níveis ou graus. O mundo urbano, para dizer em termos concisos, é o mundo da **pluralidade**, da **individualidade** e da **mobilidade**. Quanto mais urbano for um ambiente mais forte será a presença destes elementos, entre outros.

Fala-se de cultura urbana "não só porque as pessoas tendem a residir nas cidades, mas também porque o estilo de vida e a mentalidade dos ambientes citadinos se expandem sempre mais, alcançando os rincões mais distantes, com todas as consequências – humanas, éticas, sociais, tecnológicas, ambientais, entre outras. É por isso, que pensar a relação entre evangelização e cultura urbana, torna-se um imperativo para a ação evangelizadora em nossos dias. Ao se falar de cultura urbana, não se pode deixar de considerar as cidades, especialmente as grandes metrópoles, onde essa cultura se manifesta de modo mais intenso" (CNBB. DOC.109, n. 28).

E aí reside um grande desafio: "Uma cultura inédita palpita e está em elaboração na cidade. O Sínodo constatou que as transformações dessas grandes áreas e a cultura que exprimem são, hoje, um lugar privilegiado da nova evangelização. Isto requer imaginar espaços de oração e de comunhão com características inovadoras, mais atraentes e significativas para as populações urbanas. Os ambientes rurais, devido à influência dos *mass-media*, não estão imunes dessas transformações culturais que também operam mudanças significativas nas suas formas de vida" (EG, n. 73)

Propagadora da cultura urbana são, especialmente, as **novas mídias**, que tem como objetivo servir à comunicação entre as pessoas, em vista da humanização, da construção de uma sociedade mais fraterna e do desenvolvimento integral. No entanto, na preparação para o Sínodo dos Jovens houve a denúncia das graves consequências do uso superficial das mídias digitais, tais como: realidade paralela enganadora que desfigura a dignidade humana, perda de identidade ligada a uma representação equivocada da pessoa, construção virtual da personalidade e perda do contexto social em que se vive (cf. Sínodo dos Bispos, XV Assembleia Geral. *Instrumentum laboris*, n. 58).

As consequências são percebíveis e há muitas pessoas descendo a ladeira, num processo crescente de desumanização e violência. Como explicar e compreender o desejo de morte e de provocar a morte em jovens onde deveria estar naturalmente e com exuberância extravasando o desejo de Vida? Qual "elixir" circula pelas redes que gera estes processos?

Há de se destacar também, como produto da cultura urbana, o desafio da **cultura do descartável**. Será que a cultura do descartável, tão difundida na mentalidade contemporânea, e trafegando pelas redes, não poderia estar levando nossos jovens a perder o sabor pela vida? A descer num território de solidão, manipulação, aproveitamento e violência? Essa cultura aliada a espantosa e 'incentivada' penúria do sagrado no mundo moderno, não estaria na base da perda do sentido da vida, como denunciou Charles Péguy?

São João Paulo II, acertadamente, disse aos jovens: "o homem só pode ser educado a partir de dentro, com a força de um ideal espiritual, fazendo-lhe ver os simples contornos da verdade e o aspecto do autêntico amor em que a vida humana está colocada por Cristo" (Audiência Geral, 25.07.1979).

E o Papa Francisco salienta que "O melhor remédio para os males urbanos é apresentar o sentido unitário e completo da vida como está proposto no Evangelho" (cf. EG, n. 75).

2.3 Pelo anúncio da Palavra

"A Palavra eterna que se exprime na criação e comunica na história da salvação, tornou-se em Cristo um homem, ''nascido de mulher'' (Gl 4,4). Aqui a Palavra não se exprime primariamente num discurso, em conceitos ou regras; mas vemo-nos colocados diante da própria pessoa de Jesus. A sua história, única e singular, é a palavra definitiva que Deus diz à humanidade" (VD, n. 11).

Exemplo paradigmático do encontro da Palavra com os homens e mulheres da cidade é contado por São Lucas, quando Jesus e seus discípulos chegam à porta da cidade de Naim e encontram uma multidão que acompanha a mãe e o filho morto (cf. Lc 7,11-17). A compaixão de Jesus pelo pranto da viúva de Naim constitui um ponto de referência útil para aprender a compartilhar, à luz da Palavra, os momentos de sofrimento físico e moral de muitas famílias provadas, sedentas da Palavra que traz vida. Deus nunca abandona os seus filhos e filhas na provação, sempre lhes oferece a sua 'Palavra' para serem capazes de enfrentar adequadamente as dificuldades da vida.

Deus falou e este "falou" é o perfeito da fé, mas é sempre também um presente: o perfeito de Deus não é só um passado, porque é um passado verdadeiro que tem sempre em si o presente e o futuro. Deus falou significa: "fala" (Bento XVI. Meditação da celebração inaugural do Sínodo dos Bispos, em 08.10.2012). "Deus falou, deveras rompeu o grande silêncio, mostrou-se, mas como podemos fazer chegar esta realidade ao homem de hoje, para que se torne salvação? Em si o fato de que tenha falado é a salvação, é a redenção. Mas como pode o homem saber isto?"

Somos enviados ao encontro das pessoas, levando Jesus Cristo, Palavra viva, com o mesmo entusiasmo da Samaritana. Ela diz às pessoas da cidade: vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz (cf. Jo 4,29). Pelo anúncio daquela mulher, os samaritanos perceberam que algo lhes faltava e foram ao encontro de Jesus, e muitos samaritanos creram em Jesus por causa da palavra da mulher que testemunhava (cf. CNBB. DOC. 107. n. 32-34).

O Papa Francisco diz que devemos "alcançar com a Palavra de Jesus os núcleos mais profundos da alma das cidades'' (EG, n. 74). Diante das famílias e no meio delas, deve ressoar sempre de novo o primeiro anúncio, que é o mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário e deve ocupar o centro da atividade evangelizadora. É o anúncio principal, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, duma forma ou doutra. Porque nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio e toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do querigma (cf. AL, n. 58).

Deus fala aos homens e mulheres imersos na cultura urbana, que vivem na cidade ou no campo. Devemos nos voltar para a cidade com a serenidade e firmeza que tiveram os primeiros discípulos que rezaram e em oração esperaram, porque sabiam que Deus é o primeiro agente: se Deus não age, as nossas coisas são apenas nossas e são insuficientes; só Deus pode testemunhar que é Ele quem fala e quem falou.

"Filipe desceu à cidade de Samaria e começou a anunciar o Cristo à população" (At 8,5). Seguindo o exemplo das primeiras comunidade, nós

somos hoje as grandes testemunhas de que Deus continua a falar, Ele tem uma Palavra significativa para os homens e mulheres do nosso tempo. Somos testemunhas também de que está acontecendo de modo imprevisto a promessa de Deus que fala de uma fome e de uma sede entre o povo, mas não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir a Palavra de Deus (cf. Am 8,11).

2.4 Formando discípulos e discípulas

O Concílio Vaticano II nos ensina que Jesus Cristo estabeleceu e "continuamente sustenta sobre a terra, como um todo visível, a sua santa Igreja, comunidade de fé, esperança e amor, por meio da qual difunde em todos a verdade e a graça" (LG, n. 8).

Na vontade de Cristo e no ensinamento do Concílio Ecumênico Vaticano II a Igreja é simultaneamente humana e divina, visível e dotada de elementos invisíveis (SC, n. 2), é uma comunidade organizada hierarquicamente, e o Corpo místico de Cristo, o agrupamento visível é a comunidade espiritual, formando uma única realidade complexa, formada pelo duplo elemento humano e divino (LG, n. 8).

O Papa Francisco pede a todos fidelidade à vontade de Jesus e ao ensinamento do Concílio quando alerta para as ideologias que querem transformar o cristianismo e a Igreja numa espécie de ONG, privando-o daquela espiritualidade irradiante que, tão bem, viveram e manifestaram São Francisco de Assis, São Vicente de Paulo, Santa Teresa de Calcutá e muitos outros (cf. GeE, n. 100).

Na linguagem comum já aparece em certos ambientes esta ideologia que pretende transformar a Igreja em uma ONG, quando batizados, crismados e participantes da Divina Eucaristia dão testemunho de que são apenas voluntários na Igreja, exercendo seu "voluntariado" nas pastorais, movimentos e organismos; outros dizem que são adeptos da religião católica. Um batizado, confirmado e participante da Divina Eucaristia considerar-se apenas voluntário ou adepto da Igreja Católica é uma grande pobreza, é diminuir sua alta vocação.

Por isso, o instrumento de trabalho do Sínodo para os jovens, a fé e o discernimento vocacional, com muita clareza afirmou que "a Igreja não pode aceitar ser apenas uma ONG ou uma instituição filantrópica: os seus membros não podem evitar confessar o nome de Jesus (cf. EN, n. 22), tornando o seu trabalho um sinal eloquente de Seu amor que partilha, acompanha, perdoa" (Sínodo dos Bispos. XV Assembleia Geral Ordinária. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. *Instrumentum laboris*, n. 172).

"Jesus formou discípulos e discípulas, instruindo-os com a sua original atitude de acolhida, de compreensão e de valorização das pessoas, principalmente, as marginalizadas" (cf. CNBB. DOC. 107. n. 40). E a Igreja, Comunidade eclesial missionária, é a Casa na qual o discípulo missionário de Jesus nasce e se fortalece. Desse modo, considerando a natureza humana e divina da Igreja, não é apropriado falar apenas de voluntário, adepto ou expectador quando se fala de pertença e de vivência da fé na Igreja, é preciso voltar a Jesus e reconhecer que Ele chama ao discipulado, ao seguimento e à missão.

E na Conferência de Aparecida, os bispos reconheceram que este é desafio fundamental: “mostrar a capacidade da Igreja de promover e formar discípulos que respondam à vocação recebida e comuniquem em todas as partes, transbordando de gratidão e alegria, o dom do encontro com Jesus Cristo” (cf. DAp, n. 14).

2.5 Em Comunidades eclesiais missionárias

Ao mesmo tempo em que contemplamos com esperança diversos sinais de renovação nas nossas Paróquias e comunidades, contemplamos o equívoco de muitas pessoas viverem a fé “a seu jeito”, sem vínculo com a Comunidade, justificando que fazem suas orações, mas não recordam a última vez que foram à Igreja, que participaram da Santa Missa.

Vivem como adeptos de um culto, mas não como discípulos de Cristo em sua Santa Igreja, porque concebem a fé como um ato isolado, assemelhando-se mais a um freguês que procura um serviço religioso, gerando uma pertença frágil à Igreja; há também aqueles que fazem a experiência da fé em grupos fechados, seguindo um líder local ou digital sem referências a uma Comunidade eclesial em união com o Bispo diocesano e o presbitério. Estas são formas insípidas de se viver a fé e a pertença à Igreja porque isola o fiel tornando terreno fértil para seitas e não se encaixam na autêntica experiência das primeiras comunidades e das comunidades católicas de hoje.

A Palavra de Deus nos ensina com clareza que os fiéis, ao professarem a fé no Senhor, inseriam-se na vida comunitária: “eram perseverantes, unidos, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração... e, cada dia, o Senhor acrescentava a seu número mais pessoas que eram salvas” (At 2,46s). Quem acolhe Jesus em seu coração, e é batizado não pode mais viver isolado, para ser verdadeiro discípulo-missionário exige o vínculo efetivo e afetivo com a comunidade dos que descobriram fascínio pelo mesmo Senhor (cf. CNBB. DOC 102, n. 13).

Seguindo a ousadia missionária das primeiras comunidades e fecundados pelo amor de Deus somos chamados à grande conversão para a missão, passando de uma pastoral ocupada apenas com as atividades internas da Igreja, para uma pastoral que dialogue com a cidade, apresente uma comunidade acolhedora e próxima das pessoas.

Sabemos que o discípulo precisa da Igreja, da comunidade paroquial, para cultivar, conservar e fortalecer a fé: “é a Igreja quem carrega, nutre e sustenta a fé dos fiéis” (CNBB, Subsídios Doutrinais, 7, p. 30). Assim as paróquias são desafiadas a se renovar diante das aceleradas mudanças deste tempo. Desviar-se dessa tarefa é uma atitude impensável para o discípulo-missionário de Jesus Cristo. Isso implica ter coragem de enxergar os limites das práticas atuais em vista de uma ousadia missionária capaz de atender aos novos contextos que desafiam a evangelização (cf. CNBB. DOC 100, n. 61).

O nosso testemunho missionário ajudará as pessoas a professarem a fé da Igreja, fé forte, vivida na comunidade dos que creem. O nosso exemplo de vida auxiliará as pessoas a readquirir o gosto de alimentar-se da Palavra de

Deus, transmitida fielmente pela Igreja, e do Pão da vida, oferecidos como sustento de quantos são discípulos do Senhor Jesus (cf. PF, n. 3).

O papa Francisco afirma: “prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG, n. 49). Por isso ela sabe ir à frente, tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inesgotável de oferecer misericórdia”. A saída exige “prudência e audácia”, “coragem” e “ousadia” (cf. EG n. 24.47).

2.6 À luz da evangélica opção preferencial pelos pobres

“Na fé cristã, a espiritualidade está centrada na capacidade de amar a Deus e ao próximo. Rezar e servir, amar e contemplar, são realidades indispensáveis para o discípulo de Jesus Cristo. Sem oração não existe vida cristã autêntica. Sem caridade, a oração não pode ser considerada cristã. Quando se contempla Deus, percebe-se a beleza do pequeno e do simples, e se educa o olhar para ver as necessidades do outro” (CNBB. DOC 109, n. 102).

São muitas as formas de marginalização e pobreza presentes no Brasil e na Diocese, que têm reflexo direto na ação pastoral e evangelizadora: a falta duma habitação digna, emprego, migrações que enfraquecem as famílias, tráfico humano, perseguição religiosa - sobretudo contra cristãos, moradores de rua.

Por ocasião da preparação do jubileu do ano 2000, São João Paulo II salientou que o cuidado dos pobres é inerente ao seguimento de Cristo, quando le mbrou que Jesus veio para “evangelizar os pobres” (Mt 11, 5; Lc 7, 22), e perguntava: como não sublinhar com maior decisão a opção preferencial da Igreja pelos pobres e os marginalizados? (TMA , n. 51).

Em continuidade na reflexão magisterial, Bento XVI recorda que: “o discípulo, fundamentado na rocha da Palavra de Deus, sente- se motivado a levar a Boa Nova da salvação a seus irmãos. Discipulado e missão são como os dois lados de uma mesma moeda: quando o discípulo está enamorado de Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só Ele salva (cf. At 4,12). Na realidade, o discípulo sabe que sem Cristo não há luz, não há esperança, não há amor, não há futuro”. Esta é a tarefa essencial da evangelização, que inclui a opção preferencial pelos pobres, a promoção humana integral e a autêntica libertação cristã (cf. DAp, n. 146).

Com os olhos fixos em Jesus que foi ao encontro de todos, mas especialmente dos doentes e dos pobres, é alentador ver o número crescente de instituições e pastorais que na Diocese abrem o coração e os braços para tantos irmãos e irmãs submetidos à miséria, vítimas da violência e novas formas de pobreza.

No entanto, é preciso destacar que ainda faltam estruturas pastorais para atender as novas periferias. Dentre essas, destaca o Papa Francisco, que “uma das maiores pobrezas da cultura atual é a solidão, fruto da ausência de Deus na vida das pessoas e da fragilidade das relações. Há também uma

sensação geral de impotência face à realidade socioeconômica que, muitas vezes, acaba por esmagar as famílias (...)'' (AL, n. 43).

Nas paróquias existem estruturas bem organizadas para atender a falta de pão e de alguns recursos materiais e medicamentos, mas o que oferecem as paróquias para as famílias em crise? Profeticamente nos chama a atenção o Papa Francisco: "Frequentemente as famílias sentem-se abandonadas pelo desinteresse e a pouca atenção das instituições. As consequências negativas sob o ponto de vista da organização social são evidentes: da crise demográfica às dificuldades educativas, da fadiga em acolher a vida nascente ao sentir a presença dos idosos como um peso, até à difusão dum mal-estar afetivo que às vezes chega à violência" (AL, n. 43).

Também não se pode silenciar diante do flagelo da dependência de drogas lícitas e ilícitas, que ataca homens e mulheres, adolescentes, jovens e adultos, provenientes das diversas camadas sociais. É uma das grandes pobrezas de nosso tempo e a Igreja precisa colocar-se ao lado do dependente para ajudá-lo a recuperar sua dignidade, apresentando o Evangelho da vida; manter a proximidade com as famílias que sofrem por esta violência e apoiar as instituições especializas na cura desta chaga.

2.7 Cuidando da Casa Comum

A ação evangelizadora precisa contemplar a proteção da natureza, o cuidado com a Casa Comum, na perspectiva já delineada pelo Papa Bento XVI que põe ao lado da ecologia da natureza uma ecologia que podemos designar "humana", a qual, por sua vez, requer uma "ecologia social". "E isto requer que a humanidade, tenha a peito a paz, tome consciência cada vez mais das ligações existentes entre a ecologia natural, ou seja, o respeito pela natureza, e a ecologia humana. A experiência demonstra que toda a atitude de desprezo pelo ambiente provoca danos à convivência humana, e vice-versa. Surge assim com mais evidência um nexo incindível entre a paz com a criação e a paz entre os homens. Uma e outra pressupõem a paz com Deus" (Bento XVI. Mensagem para o dia mundial da Paz, 2007, n. 8).

Em todos os lugares é urgente a inclusão nos projetos pastorais e evangelizadores de atitudes que visam a proteção da natureza, a recuperação dos biomas em vista do bem estar social. Como é triste visitar comunidades que não foram contempladas com os sistemas de esgoto e coleta de lixo, obrigando as crianças a viverem em meio à sujeira e esgotos a céu aberto.

Por isso, acertadamente, os Bispos do Brasil, afirmam que "as questões sociais, a defesa da vida e os desafios ecológicos da atual cultura urbana globalizada têm que ser enfrentados pelas nossas comunidades e também pelas Igrejas particulares, em nível local, regional e nacional, numa postura de serviço, diálogo, respeito à dignidade da pessoa humana, defesa dos excluídos e marginalizados, compaixão, busca da justiça e do bem comum, e cuidado com o meio ambiente" (CNBB. DOC 109, n. 103).

Na Diocese de Foz do Iguaçu, que Deus presenteou com uma das sete maravilhas da natureza, é grande a necessidade de criar uma consciência do cuidado pela Casa Comum, valorizando as iniciativas das instituições públicas e empresariais e das organizações não governamentais que defendem a natureza, fazendo parceria com aquelas que promovem uma

ecologia integral, e fazendo saber através da pregação que quando Deus criou o céu e a terra e tudo o que existe, Ele viu tudo o que havia feito, e era muito bom (cf. Gn 1,31).

Todos podem colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades (cf. LS, n. 14).

2.8 Testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude

Jesus, cumprindo a vontade do Pai, inaugurou na terra o Reino dos céus e iniciou a sua Igreja. "Este Reino manifesta-se aos homens na palavra, nas obras e na presença de Cristo", acolher a palavra de Jesus é "acolher o próprio Reino" (cf. CIgC, 763-764).

Os Apóstolos cooperaram com Jesus na edificação do Reino de Deus, quando seguiram as palavras do Mestre: ''Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos e expulsai os demônios. Recebestes de graça, dai também de graça!'' (Mt 10,8). Em síntese a Igreja, como Cristo e juntamente com Ele, é chamada e enviada a instaurar o Reino da vida e a expulsar o domínio da morte, para que no mundo triunfe a vida de Deus, triunfe Deus que é Amor (Bento XVI. Homilia 15.06.2008).

Assim, não é possível conceber Jesus Cristo sem o Reino que Ele veio trazer e também não é possível pensar a missão do discípulo missionário inseparável do testemunho do Reino: procurai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça (cf. Mt 6,33). A identificação entre Cristo e o discípulo missionário requer o compromisso de construir com Ele o Reino de amor, justiça e paz (cf. *GeE*, n. 25).

Certamente, diz Papa Bento XVI, não podemos "construir" o reino de Deus com as nossas forças. O reino de Deus é um dom, e por isso mesmo é grande e belo, constituindo a resposta à esperança (cf. SS, n. 35); Aí não é a ação humana que predomina, mas é o próprio Cristo que ensina e age através de seus discípulos. "O verdadeiro missionário, que nunca deixa de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele no meio da tarefa missionária" (EG, n. 266). Trata-se de deixar que o Espírito Santo nos assimile a Cristo, participando assim na sua própria missão: "Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós" (Jo 20,21).

A grandiosidade de tal missão, assevera o Beato Pio XII, quase que esmorece os corações daqueles que fazem parte da Igreja neste mundo. Mas o empenhar-se para que seja difundido o reino de Deus, coisa que cada século procurou realizar de vários modos, com diversos meios e não poucas e duras lutas, é um dever imposto a todo aquele que a graça divina arrancou da morte e que com o batismo elegeu cidadão daquele reino. E se o pertencer a esse reino, o viver segundo o seu espírito, o trabalhar pelo seu incremento e o tornar acessíveis os seus bens também àquela porção da humanidade que ainda dele não faz parte, equivale em nossos dias a dever afrontar oposições vastas e tenazes e minuciosamente organizadas, isso a ninguém dispensa da franca e corajosa profissão de fé, mas antes deve incitar a ser firme na luta, também a custo dos maiores sacrifícios. Quem vive do espírito de Cristo não se deixa

abater pelas dificuldades que lhe vêm ao encontro, mas sente-se como que impelido a empregar todas as suas forças com plena confiança em Deus; não se esquiva às estreitezas e necessidades da hora, mas afronta as suas asperezas, pronto sempre a socorrer com aquele amor que não poupa sacrifícios; é mais forte que a própria morte e não se deixa levar pelas impetuosas águas da tribulação (SP, n. 60).

Hoje, Jesus envia-nos a construir com Ele, guiados pelo Espírito Santo, que age na Igreja, tornando seu Reino presente na vida concreta do Povo de Deus, porque o seu Reino não é um além imaginário, colocado num futuro que nunca mais chega; o seu reino está presente onde Ele é amado e onde o seu amor nos alcança. Somente o seu amor nos dá a possibilidade de perseverar com toda a sobriedade dia após dia, sem perder o ardor da esperança, num mundo que, por sua natureza, é imperfeito. E, ao mesmo tempo, o seu amor é para nós a garantia de que existe aquilo que intuímos só vagamente e, contudo, no íntimo esperamos: a vida que é "verdadeiramente" vida. (cf. SS, n. 31).

Viver testemunhando o Reino de Deus significa acreditar que Ele caminha vitorioso na história "e, com Ele, estarão os chamados, os escolhidos, os fiéis" (cf. Ap 17,14). Acreditamos no Evangelho que diz que o Reino de Deus já está presente no mundo, e vai-se desenvolvendo-se aqui e além de várias maneiras: como a pequena semente que pode chegar a transformar-se numa grande árvore (cf. Mt 13,31-32), como o punhado de fermento que leveda uma grande massa (cf. Mt 13,33), e como a boa semente que cresce no meio do joio (cf. Mt 13,24-30) e sempre nos pode surpreender positivamente: ei-la que aparece, vem outra vez, luta para florescer de novo (cf. EG, n. 278).

Por fim, é imperioso recordar as palavras do Profeta: "Vi aproximar-se, sobre as nuvens do céu, um ser semelhante a um filho de homem. Avançou até ao Ancião, diante do qual o conduziram. Foram-lhe dadas as soberanias, a glória e a realeza. Todos os povos, todas as nações e as gentes de todas as línguas o serviram. O seu império é um império eterno que não passará jamais, e o seu reino nunca será destruído" (Dn 7,13-14).

A profecia ressoa nos ouvidos do discípulo-missionário que conhece a Palavra e sabe da segunda vinda de Jesus, quando voltará para julgar os homens e estabelecer para sempre o seu Reino. Essa Palavra replica nos lábios orantes do discípulo-missionário que pede diariamente na oração do Pai-Nosso dizendo: venha a nós o vosso Reino, assim na terra como no céu... e descerra diante de nós horizontes grandes e nos leva a ultrapassar o nosso ''eu'' isolado abrindo-o à amplitude da comunhão. Deste modo, compreendemos que a fé não mora na escuridão, mas é uma luz para as nossas trevas (cf, LF, n. 4).

CAPÍTULO 3 – NOSSOS SONHOS: PARA ONDE QUEREMOS CAMINHAR

Uma renovação pastoral em chave missionária parte de um princípio fundamental e totalmente pascal: "O itinerário da vida de Cristo não tem como meta a obscuridade do sepulcro, mas o céu luminoso da ressurreição. A fé cristã está fundada sobre este mistério (cf. 1Cor 15,1-20), como nos recorda o Catecismo da Igreja Católica: "A Ressurreição de Jesus é a verdade culminante da nossa fé em Cristo, acreditada e vivida como verdade central pela primeira comunidade cristã, transmitida como fundamental pela Tradição, estabelecida pelos documentos do Novo Testamento, pregada como parte essencial do mistério pascal, juntamente com a cruz" (CIgC, n. 638).

3.1 Nosso sonho – ''formar comunidades eclesiais missionárias''

Com este horizonte luminoso, somos uma Igreja em saída, temos uma grande meta, "nosso sonho", formar comunidades eclesiais missionárias, atendendo dois grandes pedidos que o Papa Francisco faz:

"Espero que *todas as comunidades se esforcem por atuar* os meios necessários para avançar no caminho de uma *conversão pastoral e missionária*, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento não nos serve uma "simples administração". Constituamo-nos em "estado permanente de missão, em todas as regiões da terra" (EG, n. 25).

Pouco adiante, para explicar a "inadiável renovação eclesial", no n. 27, o Papa Francisco desce a detalhes que surpreendem pela concretude dos exemplos: "Sonho com uma opção missionária capaz de *mudar tudo*, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e *toda a estrutura eclesial* se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à sua autopreservação".

O processo de renovação das estruturas deve levar em conta as ''transformações culturais e sociais que a sociedade experimenta ao longo da história e a Igreja, que, sem perder sua identidade provinda de Deus, terá que mudar sua linguagem e sua estrutura para que se faça entendida e significativa para toda uma geração. Numa palavra, muda para poder continuar sendo Igreja, sinal ou sacramento devidamente captado e entendido pela sociedade de então. Caso contrário, perde credibilidade e força atrativa, com o perigo de se ver reduzida a peça de museu".[1]

Nessa perspectiva, no dia 27 de novembro de 2014, na audiência a 20 bispos de grandes cidades do mundo, Papa Francisco partilhou quatro aspectos pastorais para a evangelização na urbe, a concretização dos dois grandes pedidos apresentados em seu grande projeto pastoral, a Exortação *Evangelii Gaudium*:

1. REALIZAR UMA MUDANÇA EM NOSSA MENTALIDADE PASTORAL – Necessitamos outros mapas, outros paradigmas. Viemos de uma pastoral onde a Igreja era a única referência da cultura, era autêntica mestra, sentia a necessidade de delinear e impor, não só as formas culturais, mas também os valores, traçando o imaginário pessoal e coletivo.

[1]MIRANDA, Mario de França. *A Igreja em Transformação*, Paulinas, São Paulo 2019, p. 18.

2. O DIÁLOGO COM A MULTICULTURALIDADE – Estabelecer um diálogo pastoral sem relativismo, sem negociar a própria identidade cristã, mas que queira alcançar o coração do outro e dos demais que são distintos de nós e ali semear o Evangelho.

3. RELIGIOSIDADE DO POVO – Devemos descobrir na religiosidade, o autêntico substrato religioso que, muitas vezes, é cristão e católico. Não podemos desconhecer e desprezar tal experiência de Deus, que pede para ser descoberta e não construída. Ali estão as *Semina Verbi*.

4. A FORÇA RELIGIOSA DOS POBRES – Ser acolhedor [...], a cidade os rejeita, são peregrinos da vida em busca de "salvação" e, muitas vezes, encontram força para seguir em frente e lutar graças a um sentido último que recebem de uma experiência simples e profunda de fé em Deus. Testemunho concreto de misericórdia e ternura atua diretamente sobre os imaginários sociais, gerando orientação e sentido para a vida da cidade.

Assim, poderíamos dizer de forma bem direta e simples que Evangelizar na cultura urbana depende de:

- sair "do berço esplêndido" que nós achamos estar – não somos mais hegemônicos, não temos mais a última palavra. Não se trata mais de buscar gente para a Igreja, mas levar a Igreja para onde as pessoas estão;
- mudar a ótica da evangelização – mais pelo SER do que pelo FAZER. É uma mudança de perspectiva, acreditar mais nas pessoas que nas coisas, gastar mais tempo com convivência do que com festejos para os outros, com formação do que com construção;
- pastoral mais personalizada, somos habituados a trabalhar com REBANHOS e não com OVELHAS;

Executaremos esta grande meta, inspirados nas Novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2019-2023 aprovadas pela 57ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e pela 41ª Assembleia Diocesana de Pastoral nos dias 18 e 19 de outubro de 2019, onde reafirmamos nosso propósito de caminhar em comunhão com a Igreja no Brasil, assumindo suas inspirações e proposições.

No caminho desses próximos 4 anos de vigência de nosso 14º Plano de Ação Evangelizadora iremos conhecer ainda mais, envolver a todos e assumir compromissos concretos, buscando de fato, a conversão pastoral, numa atitude de acolhida misericordiosa e saída missionária, porque "EVANGELIZAR constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja; a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar..." (EN, n. 4) e pelo Batismo Jesus Cristo nos conferiu uma *identidade* que nos projeta para além de nós mesmos, na comunhão com a Santíssima Trindade (cf. CNBB DOC 109, n. 21).

A agitação institucional, as preocupações ante a nossa verdadeira identidade como Igreja e a provocação que o objetivo geral das novas DGAEs nos fazem: "Evangelizar num Brasil cada vez mais urbano", nos fazem perceber que a Igreja "tanto em sua linguagem (proclamação da fé) quanto em sua organização institucional (estrutura social), não pode prescindir da sociedade: ambas não caem do céu já prontas, mas são captadas e assumidas do entorno social respectivo.''(MIRANDA, p. 17-18)

A missão da Igreja é portar a salvação que Jesus oferece continuamente a toda a humanidade segundo as condições e possibilidade de cada época. Com essa afirmação, surgem algumas perguntas: Como portar a salvação para quem vive no contexto urbano? Para quem acha que não está perdido, que a vida é boa como está? Para quem acha que não precisa de uma comunidade de fé? Como aproximar-se?

Nesse Brasil urbano podemos destacar quatro funções-chave para que a Igreja possa aproximar-se colocando-se a serviço "da realização dessa Cidade Santa", do Reino de Deus, sendo:

a) *Querigmática – Iniciação à vida cristã*
   - o anúncio não pode ser pressuposto; ele já é uma forma de proximidade, de interesse e de cuidado;
   - cada geração precisa receber o querigma de forma explícita;
   - superar um cristianismo de adeptos, e se configurar o discipulado;
   - coragem de encontrar os novos sinais e símbolos, uma nova carne para a transmissão da Palavra.

b) *Diaconal – Caridade*
   - serviço ao ser humano marcado por feridas sociais, males físicos, pobreza moral e crise espiritual;
   - nas periferias e nos centros abandonados das cidades;
   - os novos cidadãos que chegam, pela necessidade de pão e casa, ou para trabalho ou estudo;
   - "A ação evangelizadora nas cidades pede de nós grande capacidade de diálogo, pelo menos no campo da defesa e da promoção da vida das pessoas e do meio-ambiente." (Dom Joel Portella Amado. Cidades e Evangelização).

c) *Koinonia – Acolhida*
   - diante da solidão anonimato, individualismo e o isolamento, a vida comunitária reúne pessoas e integra-as numa família em torno de Cristo;
   - Igreja que acontece ao redor da casa, aproximando-se das pessoas com acolhimento, pertença e vínculo;
   - ali, partilha-se o pão, a palavra e a amizade;
   - "O específico cristão, gerador de fascínio e força para viver e sobreviver nas cidades encontra-se na vida de irmãos e irmãs, na relação de fraternidade, que sempre oferece o apoio fraterno decorrente dos relacionamentos primários" (Dom Joel Portella Amado. Cidades e Evangelização).

d) *Exorcista – curativa*
   - é a ação da Igreja que liberta o ser humano, em nome de Cristo, de todas as escravidões, e libertando de toda a influência maligna que fere e mata os filhos de Deus;
   - a Igreja deve vencer o pecado e superar a força do mal na sociedade;
   - trata-se de uma função terapêutica que livre dos males e perigos o sujeito urbano, muitas vezes preso aos condicionamentos que lhe desumanizam.

3.2 Prioridades que ajudarão a realizar o nosso sonho

Somos chamados a um olhar voltado ao mundo exterior, à cidade, em espírito de serviço, seguindo a rica tradição das Sagradas Escrituras: “Empenhai-vos pelo bem-estar da cidade para onde vos exilei, orai a Deus por ela, pois a felicidade desse lugar será vossa felicidade” (Jr 29,7).

Olhando para a realidade de nossa diocese, nossas cidades e comunidades, definimos em assembleia o desafio das duas prioridades que já fazem parte de nossa caminhada evangelizadora: A Iniciação à Vida Cristã na perspectiva catecumenal e a Missionariedade.

A Vida Cristã é um novo projeto de vida. Para nós, 'o projeto'. E, por isso, ela requer um processo de passos de aproximação, mediante os quais a pessoa aprende e se deixa envolver pelo mistério amoroso do Pai, pelo Filho, no Espírito Santo (CNBB. DOC. 107, n. 5).

Não basta só o estudo, é preciso viver essas iniciativas no convívio familiar: conhecendo os Sacramentos e vivenciando-os. A Iniciação Cristã é uma maneira de iniciar as pessoas a seguir, a conhecer Jesus através das Escrituras, da caridade e da oração, viver suas atitudes e seus sentimentos. É por meio da Iniciação que a Igreja quer formar discípulos missionários.

“A Iniciação à Vida Cristã com estilo catecumenal é uma prioridade que precisamos assumir com decisão, coragem e criatividade. Ela renova a vida comunitária e desperta seu caráter missionário. Isso requer novas atitudes evangelizadoras e pastorais. Para a Igreja, impõe-se a tarefa irrenunciável de oferecer uma modalidade operativa de iniciação cristã que, além de marcar o 'que', também dê elementos para o 'quem', o 'como' e o 'onde' se realiza. Dessa forma, assumiremos o desafio de uma nova evangelização, à qual temos sido reiteradamente convocados” (CNBB DOC. 107, n. 69)

Para bem desenvolver o projeto na Paróquia é imprescindível organizar a Comissão Paroquial para a implantação da Iniciação à vida cristã, porque não se trata de fazer apenas reformas na catequese, mas de rever toda a ação pastoral, a partir da iniciação à vida cristã.

A organização da Comissão Paroquial está dentro do grande chamado da Igreja à conversão e renovação das paróquias, e requer “uma série de atitudes: acolhida, diálogo, partilha, escuta da Palavra de Deus e adesão à vida comunitária. Implica estruturas eclesiais apropriadas, nos mais diversos lugares e ambientes, sempre disponíveis a acolher, apresentar Jesus Cristo e dar as razões da nossas esperança (1Pd 3,15)” (CNBB, DOC. 102, n. 45).

O Pároco e os membros do Conselho Paroquial de Pastoral devem ser os grandes motivadores e fomentadores do projeto e da Comissão Paroquial de iniciação à vida cristã, recordando aos fiéis que “a IVC e a formação contínua com inspiração catecumenal se apresentam hoje como desafios e oportunidades extremamente importantes, uma obra a ser realizada, por toda a Igreja, com dedicação, paixão formativa e evangelizadora, com coragem e criatividade. Não se trata, porém, de uma pastoral a mais, e sim de um eixo central e unificador de toda a ação evangelizadora e pastoral” (CNBB DOC. 107, n. 76).

Mas o Pároco e o Conselho Paroquial de Pastoral não estarão sozinhos neste trabalho de organizar a Comissão Paroquial, temos um trabalho em rede na Diocese e nas Áreas Pastorais e uma equipe bem articulada e preparada para dar suporte e apoio. O trabalho articulado ajudará nossas lideranças, discípulos missionários, a compreender que a iniciação à vida cristã não se refere somente à preparação aos sacramentos do Batismo, Confirmação e Eucaristia, mas é um caminho contínuo de *adesão a Jesus Cristo*.

Assim, a comunidade eclesial, que faz uma profunda experiência de Iniciação à Vida Cristã, poderá testemunhar a sua identidade missionária, formando ***comunidades eclesiais missionárias.*** “Ser iniciado na vida de Cristo, conformar-se a Ele, ser d'Ele revestido desperta para a missionariedade. A atração e a gratidão de ser, se faz anúncio. Toda pessoa que segue Jesus anuncia a beleza e a alegria profunda de viver como Cristo viveu (CNBB DOC. n. 107, intr.). Daqui emergem **duas grandes referências** para as atuais Diretrizes: ***Comunidade*** e ***Missão***, como **dois lados da mesma moeda**. Inseparáveis, portanto.

As DGAE se moldam à imagem da CASA, com o duplo movimento de ingresso e saída, lugar de acolhimento e envio. Por isso, dois eixos inspiradores: comunidade e missão – *comunidades eclesiais missionárias.* E desse duplo movimento decorre uma constatação: ***Comunidades que não geram missionários são tristes expressões da esterilidade de quem perdeu seu rumo na vivência do Evangelho***. O que ficamos fazendo sempre com as mesmas pessoas? O que estamos fazendo pelos: universitários, escolas, professores, periferias, etc?

Queremos ir ao encontro, acolher e aceitar as pessoas na Comunidade. Acolher afetiva e efetivamente, como bem ensinou Bento XVI. As *primeiras comunidades cristãs* nas casas nos ensinam muito. Um estilo doméstico, o sentido de pertença, lugar de acolhida, de encontro com o Senhor, o TESTEMUNHO é “garantia de credibilidade”. Casa entendida como “um lar”, onde se forma uma família, se criam vínculos, relações de confiança, de comunhão, onde existe proximidade. A acolhida efetiva será desenvolvida em estivo catecumenal, no processo da Iniciação à Vida Cristã.

No NT não há nenhum caso de discípulo que não foi missionário. E não há nenhum missionário que não tenho sido discípulo. Assim, nas ***comunidades eclesiais missionárias*** a centralidade é a Palavra. A Palavra suscita adesão, que se expressa nas mais diversas formas como senso de pertença, compromisso social para ir ao encontro e abrir-se. Ao redor da Palavra e da Eucaristia os discípulos vão crescendo.

Pode-se partir dos grupos que temos, como espaços de continuidade e envolvimento na comunidade, mas é preciso aventurar-se em “águas mais profundas”, nos diversos espaços missionários que se apresentam. Frei Luís de León, escritor místico espanhol do século XVI, afirmava: "Em Deus, quanto mais se navega tanto mais mares se descobrem".

Jesus disse... Lançai as redes... São João Paulo II insiste... *duc in altum*... ou seja: sejamos protagonistas da Igreja. Não sejamos espectadores passivos e escandalizados... sejamos protagonistas audaciosos... não somos chamados por Cristo para sermos pescadores de águas rasas, ou pescadores de aquário, pescadores de sacristia...

Não vamos ficar na praia. Na praia, com água até os tornozelos, ficam somente os calculistas, os que se limitam a dizer que as prioridades são importantes, mas não assumem interiormente o caminho de renovação, ou os que encolhem os ombros e voltam as costas, quando a Igreja os chama para participar ativamente para um grande caminho de conversão missionária, uma grande pesca.

Deus nos concedeu a grandiosa dignidade e a responsabilidade de colocar as mãos nos remos para navegar em meio aos grandes desafios da nossa Igreja, da missão e como nos recordam as DGAE: "No momento atual, pelo qual passam o mundo e o Brasil, a conversão pastoral se apresenta como desafio irrenunciável. Esta conversão implica a formação de pequenas comunidades eclesiais missionárias" (CNBB DOC. 109, n. 33), e logo à frente enfatiza novamente: "A formação de pequenas comunidades eclesiais missionárias, como prioridade da ação evangelizadora, oferece um referencial concreto para a conversão pastoral" (CNBB DOC. 109, n. 360).

Sair é inspirar-se de novo nas primeiras experiências de discipulado: discípulos que precisam do Mestre para poder fazer a Missão acontecer. Nutrida pela Palavra e pela Eucaristia, a Igreja é a "casa e escola de comunhão, onde os discípulos compartilham a mesma fé, esperança e amor a serviço da missão evangelizadora. Ela constitui uma unidade orgânica formada por uma diversidade de carismas, ministérios e serviços, todos eles colaborando para o único Corpo de Cristo. Cada batizado é portador de dons que deverão ser desenvolvidos em comunhão com os demais em vista da irradiação missionária da comunidade eclesial. Nesse sentido, todos os organismos eclesiais devem estar animados por uma espiritualidade de comunhão missionária, sem a qual os instrumentos externos da comunhão pouco ajudariam (cf. CNBB. DOC. 87, n. 50).

E aí temos a realidade de "um Brasil cada vez mais urbano", que é cada vez mais secularizado, apresenta desafios e oportunidades para nossa presença eficaz, como discípulos missionários. "O mundo urbano atual, cuja mentalidade está presente na cidade e no campo, embora marcado por contradições e desafios, é o lugar da presença de Deus, espaço aberto para a vivência do Evangelho" (CNBB DOC. 109, n. 10). Isso gera uma mudança imparável e, nessa realidade, a fé cristã terá uma função importantíssima: ajudar a encontrar respostas à crise de sentido da vida e as questões éticas.

3.3 Ações que concretizarão nosso sonho nos quatro pilares (Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária)

PILAR DA PALAVRA

1. Fortalecer os Grupos de Família e Grupos Ambientais em vista de uma comunidade eclesial missionária, proporcionando a formação dos leigos e leigas e capacitando-os para o ministério de coordenação dos grupos.

2. Promover formação Bíblica e Litúrgica nas comunidade paroquiais, em vista da prática da Leitura Orante (*Lectio Divina*) da Palavra de Deus (pessoal, familiar e comunitária).

3. Implantar em todas as paróquias a Comissão de Iniciação à Vida Cristã de inspiração Catecumenal.

4. Utilizar os meios de comunicação social como instrumento para evangelização e missão.

PILAR DO PÃO

1. Recuperar a importância e a centralidade do Domingo como o Dia do Senhor para as famílias, através da Celebração Eucarística, e onde essa não for possível, oportunizar a participação na Celebração da Palavra.

2. Zelar pela qualidade das Homilias e reflexões da Palavra.

3. Fortalecer a Pastoral Litúrgica nas Paróquias em vista da celebração da Palavra, dos Sacramentos e Sacramentais, para que a Liturgia não sucumba aos extremos do subjetivismo emotivo e nem tampouco à frieza e rigidez rubricista e ritualista, mas que, através de sinais, gestos e ritos celebrativos conduza os fiéis ao Mistério de Deus.

4. Priorizar a formação de ministros da Palavra, para as comunidades e grupos.

5. Valorizar dentro da espiritualidade cristã, as devoções populares, sendo elas uma maneira legítima de viver a fé, um modo de se sentir parte da Igreja e de ser missionários(as).

PILAR DA CARIDADE

1. Promover, através da Cáritas Diocesana e paroquial, as pastorais sociais e o estudo da Doutrina Social da Igreja, incentivando a participação dos leigos na dimensão sócio-política da fé.

2. Fomentar o Conselho Paroquial do Laicato como vocação específica na Igreja e na sociedade, em atitude samaritana e de saída, cuidando das periferias existenciais, em especial as pessoas que se encontram em vulnerabilidade social ou afetadas pela crise de sentido da vida.

3. Organizar em todas as Paróquias ações com as famílias e com os jovens, para que, sustentados e animados pela comunidade de fé, possam ser sal e luz, mantendo viva a esperança na promoção da solidariedade com os que sofrem.

PILAR DA AÇÃO MISSIONÁRIA

1. Promover os conselhos missionários (COMIDI, COMIPA, COMISE) e a formação de discípulos(as) missionários(as) desenvolvendo uma cultura missionária em todas as pastorais, movimentos, setores e organismos da Igreja.

2. Intensificar as visitas missionárias paroquiais, nas Áreas Pastorais e Diocese, indo além de uma pastoral de manutenção e abrindo-se a uma autêntica conversão missionária.

3. Servir-se das forças missionárias da Diocese, para ir ao encontro das pessoas nos novos espaços missionários – hospitais, escolas, universidades, presídios, cultura, ciência, etc.

CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somos chamados a OLHAR o atual momento de nossa Diocese como "POSSIBILIDADE", já que a fé cristã, alicerçada nas primeiras comunidades, tem perspectiva de mobilidade – missão!

Somos chamados a ser Evangelizadores que rezam e trabalham: é preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade. E podemos fazê-lo com duas atitudes:

1. **O amor que recebemos de Jesus**: A experiência do amor de Jesus que nos salva nos impele a amá-Lo cada vez mais. É urgente **recuperar o *espírito contemplativo***, que nos permita redescobrir, a cada dia, que somos depositários de um bem que humaniza e ajuda a levar uma vida nova. Não há nada melhor para transmitir aos outros. O verdadeiro missionário, que nunca deixa de ser discípulo, **sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele. *Sente Jesus vivo com ele, no meio da tarefa missionária.*** Ao contrário, se uma pessoa não O descobre presente no coração mesmo em meio à entrega missionária, depressa perde o entusiasmo e deixa de estar seguro do que transmite, falta-lhe força e paixão. E uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence ninguém.
2. **O prazer espiritual de ser povo**: "Vós que outrora não éreis povo, mas agora sois o Povo de Deus" (1Pd 2,10)**.** Para ser um evangelizador com espírito é preciso também desenvolver o prazer espiritual de estar próximo da vida das pessoas. A missão é uma paixão por Jesus e, simultaneamente, uma paixão pelo seu povo! Deus toma-nos do meio do povo e envia-nos ao povo, de tal modo que nossa identidade não se compreende sem essa pertença! Contemplar as chagas de Jesus. Tocar nelas! Comtemplar tua comunidade! Contemplar o rosto (os rostos!) do povo. Como nos faz bem ver Jesus perto de todos: cego do caminho (cf. Mc 10,46-52); bebe e come com os pecadores (cf. Mc 2,16); não importa que o chamem de glutão e beberrão (cf. Mt 11,19); uma prostituta unge seus pés (cf. Lc 7,36-50); recebe de noite Nicodemos (cf. Jo3,1-21). A entrega de Jesus na cruz é apenas o culminar deste estilo que marcou toda a sua vida. **Presença próxima e solidária!**

Assim seremos comunidades:

a) MADURAS:

- Onde a vida comunitária é terreno fértil para o anúncio e o encontro com Jesus Cristo.
- Capazes de interpelar o individualismo reinante, o subjetivismo que potencializa o eu como parâmetro da verdade, o egoísmo que gera e se alimenta da cultura de morte, evitando que o homem e a mulher contemporâneos virem náufragos de si mesmos (DGAE, n. 128).
- Restauradoras, onde o modo de nos relacionarmos com os outros, em vez de nos adoecer, nos cura, porque é uma fraternidade mística, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura o seu Pai bom (EG, n. 92).

b) CONTEMPLATIVAS:

- Contemplar a Deus com os olhos da fé, por meio da Palavra revelada e pelo contato vivificador dos Sacramentos.
- Para ver a realidade à luz da providência e julgá-la segundo Jesus Cristo, e atuar a partir da Igreja na propagação do Reino de Deus. (DAp. n. 19).
- Atentos ao alerta de BYUNG-CHUL HAN, filósofo sul coreano: "A perda da capacidade contemplativa, que não por último depende da absolutização da *vita ativa*, é corresponsável pela histeria e nervosismo da sociedade ativa moderna" (Sociedade do Cansaço, p. 50).

c) SANTAS E SANTIFICADORAS:

- Papa Francisco alerta: os discípulos do Senhor são chamados a viver como Comunidade que seja sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5,13-16).
- São chamados a testemunhar, de forma sempre nova, uma pertença evangelizadora. Não deixemos que nos roubem a comunidade! (EG, n. 92).
- O empenho por constituir comunidades cristãs maduras na fé deve, portanto, ser a meta das dioceses, paróquias, congregações, CEBs, comunidades novas, movimentos, associações, serviços e famílias (CNBB DOC 109, n. 128)

Dada a riqueza de grupos, movimentos, associações e organismos, com carismas e metodologias diferentes, urge traduzir o Plano de Pastoral da Diocese em projetos e programas pastorais de suas ações evangelizadoras, criando assim um esteio de unidade diocesana. Caberá aos Coordenadores apresentar à Coordenação de Pastoral da Diocese os respectivos projetos e programas.

Os projetos pastorais deverão selecionar e identificar as atividades-chave necessárias para evitar a improvisação na assimilação do Plano de Pastoral e a superação do individualismo (meu movimento, meu encontro, minha pastoral). Desse modo, nossa ação pastoral será efetiva construindo a comunhão e edificando o Reino de Deus, para que todos tenham a oportunidade de "ver", "conhecer" e "seguir" aquele que é o enviado de Deus Pai, fonte de vida em abundância para todos (Jo 10,10).

Também as Paróquias, compreendendo que esse é o tempo oportuno para uma nova evangelização, são chamadas a construir projetos pastorais. Há muita sede e, em Cristo, há água que sacia toda sede humana. Compete a elas, como rede de comunidades, facilitar o acesso a essa Água Viva. Feliz a Comunidade que é um poço dessa Água Viva, do qual todos podem se aproximar para saciar sua sede (CNBB. DOC. 100, n. 240).

Coragem: O Espírito Santo, Ele vem em auxílio da nossa fraqueza (Rm 8,26).